

contos russos

OS CLÁSSICOS

Coordenação e Apresentação

Rubem Braga

Prefácio

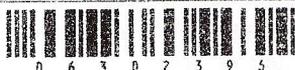
Aníbal Machado

Supervisão

Graciliano Ramos

Notas biográficas

Valdemar Cavalcanti



Contos Russos

808

C781

6302395



Ediouro

Um tolo

Nikolai Leskov | Tradução de Joel Silveira

LESKOV, NIKOLAI SEMYONOVITCH (1831-1895) — Nasceu em Orel, próximo a Moscou. Educado num ambiente tradicionalista, tornou-se reacionário e escreveu dois romances de tendência anti-revolucionária — *Sem saída* (1894) e *Até as últimas conseqüências* (1870), que provocaram grande reação. Leskov foi excluído dos meios literários, e durante a vida inteira ficou difamado, a ponto de só depois de 1900 ter sido reconhecido o valor de suas obras. Leskov conseguiu um emprego na administração eclesiástica. Em 1872 publicou outro romance — *O clero* —, menos um romance, na realidade, que uma coleção de contos, em parte trágicos, em parte humorísticos, nos quais eram focalizados aspectos da vida dos padres russos. Os padres sentiram-se ofendidos, e Leskov perdeu o emprego. Tornou-se então caixeiro-viajante de uma firma inglesa, viajando durante dez anos por toda a Rússia. Conseguiu, assim, um conhecimento profundo dos costumes e da linguagem populares, com que iria enriquecer consideravelmente a sua obra. Inúmeros contos de Leskov estão povoados de tipos do povo; gente do clero oficial, sectários, comerciantes, artesãos, servos. Um dos seus contos mais famosos é “A Lady Macbeth do distrito de Uzensk”, do qual foi tirado o libreto da ópera de Shostakovitch, genial compositor russo. E o seu melhor romance é, na opinião da crítica autorizada, *Uma família decadente — crônica dos príncipes Protosanov* (1874), que constitui um quadro vivo da aristocracia rural russa em decadência. O contista, entretanto, supera o romancista. Foi um artista do conto, apreciado, sobretudo, pela substância folclórica de sua literatura. Leskov morreu em São Petersburgo.

ENTRE NOSSOS criados havia um jovem que era órfão. Chamava-se Panka. Vivia entre os domésticos. Vestia as roupas usadas dos outros e compartilhava a ração da mulher do vaqueiro e seus filhos. Alegrementemente ajudava todo mundo, isto é, não o incomodava que alguém o fizesse trabalhar em seu lugar. Desse modo, chegava a trabalhar da manhã à noite, sem repouso nem trégua. Lembro-me como se fosse ontem: durante o inverno — e entre nós o inverno era algumas vezes bastante rude — quando nos levantávamos e corríamos à janela, era fatal encontrar nosso Panka, curvado até o chão, puxando um largo trenó

carregado de feixes de feno ou de palha e igualmente cheio de grãos para o gado e as aves. À hora em que nos levantávamos, Panka já iniciara suas tarefas e nós o víamos muito raramente, ora junto ao estábulo, ora mastigando um pedaço de pão molhado na água do balde.

Quando lhe perguntávamos:

— Por que é que comes pão seco, Panka?

Ele respondia prazenteiramente:

— Seco? Nada disso. Não estão vendo que ele está molhado?

— Mas falta juntar aí muita coisa. Por exemplo: couve, pepino, batatas.

Panka, porém, franzindo a testa, respondia:

— Os senhores querem muita coisa! Graças a Deus não existe isso aqui.

Apertando a cintura, Panka voltava aos seus trenós. O trabalho nunca o esgotava, apesar de ajudar todo o mundo. Limpava as cavalariças, os currais, dava forragem aos animais, levava os carneiros ao bebedouro, sem contar ainda que, em certas tardes, enchia o tempo a trançar as sandálias, algumas vezes para ele, mas quase sempre para os outros. Sempre o último a se deitar, sempre o primeiro a se erguer, o pobre Panka não possuía qualquer encanto. Ninguém o lastimava. Ao vê-lo, todo mundo dizia:

— Não tem importância. É um tolo, um parvo, um basbaque.

— Bobo por quê?

— Por tudo.

— Por exemplo?

— Ora, exemplo! Se você quer um, vai aqui: a mulher do vaqueiro dá a seus filhos todos os pepinos, todas as batatas, sem que Panka se irrite com isto. Nunca pediu nada em troca, nunca se lastimou. Você está vendo que se trata de um bobo!

Nós, os meninos, não entendíamos nada dessas coisas. Panka nunca se aborrecera conosco, nunca nos dissera a menor asneira, dele só recebíamos gentilezas, pois era ele quem fazia para nós, de casca de madeira, pequenos moinhos e cestos. No entanto, como toda a gente, também achávamos que era um tolo. Ninguém nos dizia o contrário, mesmo porque tal legenda, tão divertida, não podia ser posta em dúvida.

Contratou-se um novo administrador, um homem severo que nunca perdoava nem deixava impune a menor falta. Estava sempre inspecionando, sempre alerta à menor negligência. Quando qualquer coisa lhe soava mal, parava seu carro, chamava o culpado e lhe ordenava:

— Procure o capataz e diga-lhe, em meu nome, que aplique em você 25 vergastadas. Se não fizer isto, quando eu voltar, à tarde, você receberá o dobro.

E ninguém tentava pedir-lhe perdão, pois seria debalde, e qualquer um correria, com isso, o perigo de sofrer ainda mais.

Ora, num belo dia de verão, o administrador, ao fazer o seu passeio diário, deu com um bando de poldros que, como se estivessem num pasto livre, espezinhavam os trigais verdes. O administrador ficou como louco.

Naquele tempo, a guarda dos poldros estava confiada a Petroucha, filho de Arina, a mulher do vaqueiro que guardava todas as batatas para seus filhos. Petroucha tinha, então, uns 12 anos. Menor que Pavloucha, de complexão mais delicada — chamavam-no de “Bolacha” — era um menino divertido, pouco amigo do trabalho e muito menos de ajudar aos outros. “Bolacha” havia saído com os poldros cedinho, mas, castigado pelo frio, enovelara-se no seu casacão. O casaco era grosso e quente, e o sono não tardara a tomar conta dele: e, enquanto ele dormia, os poldros soltos se espalharam nos trigais.

Logo que soube de quem era a culpa, o administrador açoitou Petroucha com o chicote e disse:

— Panka te substituirá de hoje por diante. Procura o capataz e manda que ele, em meu nome, te aplique 25 vergastadas. Se não fizeres isto até eu voltar, sofrerás o dobro.

E o administrador continuou o seu caminho. Petroucha caiu em lágrimas. Com o corpo todo num só tremor, pois que nunca fora chicoteado, disse a Panka:

— Panka, meu querido irmãozinho, eu estou com medo... Que é que devo fazer, Panka?

Panka alisou os cabelos e disse:

— Na primeira vez eu também tive muito medo... Mas que fazer? Nosso Senhor, Petroucha, também foi chicoteado.

Petroucha chorava cada vez mais.

— Eu tinha medo ao mesmo tempo de ir e de não ir. Pensei até em me afogar.

E durante muito tempo Panka tentou explicar suas razões a Petroucha. Finalmente disse:

— Está bem, preste atenção: fique aqui e eu vou correndo até a fazenda conseguir que o tirem desta encrenca. Pode ser que Deus lhe faça este favor.

— Mas o que fará você, Panka?

— Não se incomode nem se atormente mais. Tenho uma idéia.

E lá se foi Panka, num passo alegre, através do campo. Ao fim de uma hora, voltava, sorridente.

— Não tenha mais medo, meu rapazinho. Tudo está arranjado. Você não será mais castigado.

“Como é que posso acreditar no que ele diz?”, pensou consigo Petroucha. E custou a crer.

De tarde, o administrador interrogou o homem de guarda:

— Deve ter estado aqui um pastorzinho, não?

— Perfeitamente, Excelência, perfeitamente.

— E o senhor, certamente, acariciou o seu dorso, não?

— Perfeitamente, Excelência, perfeitamente.

— Acredito que o senhor não teve pena do infeliz, pois não?

— Fiz o melhor possível, Excelência.

A conversa ficou aí. Em seguida, porém, soube-se que um pastor havia sido castigado, mas que, no entanto, houvera um engano de endereço, e que Paulo havia recebido o que devia ser para Pedro. A notícia correu rápida e todo o mundo zombava de Panka. Petroucha, contudo, não foi punido.

— Ora — diziam, já que este bobo pagou por ele, acabou-se. Não se deve castigar duas vezes a mesma falta.

Agora me digam vocês se Panka era ou não um grande bobo!

E toda sua vida foi assim.

Alguns anos mais tarde, veio a guerra da Criméia. Os recrutas foram levados e na vila só se fazia chorar: ninguém queria ir lutar, e as mães, sobretudo, estavam desoladas. Afinal, qual a mãe que não tem um pouco de piedade de seu filho?

Panka, porém, que alcançara, então, a maioridade, procurou o seu senhor:

— Meu senhor — disse ele —, eu queria que me conduzisse à cidade para que eu me pudesse alistar.

— Alistar-se? Quem lhe deu esta idéia?

— Ninguém. É coisa minha. Quero me alistar.

— Calma, rapaz. Reflita melhor.

— Já refleti.

— E por quê, então?

— O senhor não está vendo que toda a vila está desolada? Eu, porém, sou um filho de Deus, não farei ninguém chorar. Quero me alistar.

Tentaram mudar-lhe a idéia.

— Mas, meu rapaz, ridículo como você é, na guerra todo mundo zombará de você.

Panka, porém, replicava:

— Melhor, então. Melhor rir do que brigar quando todo mundo estiver feliz e contente, só faltará fazer a paz.

Insistia-se:

— Pense melhor, rapaz. Fique em sua casa.

Mas ele não voltava atrás.

— Não, prefiro partir. Isto me dará prazer.

E Panka fez tudo o que planejava: foi à cidade, alistou-se, e quando os soldados voltaram, o povo da aldeia estava cheio de curiosidade.

— E então, como se portou o nosso bobo? Vocês o viram depois do seu alistamento?

— Sem dúvida que o vimos.

— Certamente todo mundo no Exército zombava dele. Um bobo daquela espécie!

— Sim, no começo os outros não o levaram a sério. Mas um dia, quando recebeu seus dois rublos de gratificação, ele fez uma coisa rara: foi ao mercado, comprou um cesto cheio de pastéis de ervilhas e trigo e distribuiu tudo entre os camaradas. Só se esqueceu dele mesmo. Então os outros, vendo isto, balançaram a cabeça e cada um lhe ofereceu a metade do seu pastel. Panka ficou encabulado: “Nada disso, rapazes. Estou dando os pastéis de muito bom coração, não quero nada de vocês. Podem comer, podem comer...”. Então os recrutas ficaram em pé diante dele e lhe bateram amigavelmente no ombro: “Muito bem, meu rapaz, tu és um bom irmão!” Na manhã seguinte, na caserna, Panka foi o primeiro a se levantar, pôs em ordem todo o quarto comprido e limpou as botas dos soldados mais velhos. Fizeram a ele muitos cumprimentos e os mais velhos nos indagavam: “O nosso irmão não terá sido castigado pela má sorte? Não é que o achamos maluco, isto não, mas há qualquer coisa nele que não é comum...”

E foi assim que Panka esteve na guerra, a guerra que ele passou inteira a cavar trincheiras e construir abrigos. Terminado seu tempo, voltou à sua condição de pastor, alugando-se aos tártaros da estepe para guardar seus cavalos. Partiu de Penza para o país dos tártaros, e muito tempo passou sem reaparecer aos seus conhecidos: vivia com seus cavalos numa região muito distante, para os lados das dunas de Ryn-Peski, onde um poderoso ricaço, Djangar-Khan, levava uma vida nômade. Quando vinha vender seus cavalos em Soura, Djangar-Khan aparecia com um ar tranqüilo e acomodado; mas na sua região, na estepe, se entregava inteiramente ao seu alegre coração, castigando um, agraciando outro, seguindo seu capricho. Ninguém o podia disciplinar naquele deserto imenso, onde ele reinava como um déspota. Existiam, porém, no sul, outros amigos do bom viver, e entre eles um certo Khabiboula, bandido astucioso, que conseguira roubar de Djangar-Khan muitos dos seus melhores cavalos. Durante muito tempo, ninguém conseguiu agarrá-lo. Um belo dia, no entanto, durante um encontro, Khabiboula foi ferido e preso. Djangar-Khan, porém, que ia a um negócio no

mercado de Penza, não podia ficar para julgar Khabiboula e lhe fazer sofrer um suplício capaz de inspirar aos seus asseclas um terror salutar.

Não querendo faltar à feira de Penza nem se mostrar com seu prisioneiro nos lugares submetidos às autoridades russas, Djangar-Khan decidiu, à margem de uma fonte, deixar Panka, um cavalo e Khabiboula preso em duas traves de ferro. Deixou também um saco de milho, um odre de água, e deu a Panka instruções severas:

— Guarda este homem como se fosse tua alma. Compreendes?

— Não é difícil de compreender. Fique tranqüilo, meu senhor. Seguirei à risca suas ordens.

Djangar-Khan partiu com todo o seu bando, e Panka iniciou uma conversa com Khabiboula.

— Vê aonde teus crimes te levaram! És um bravo, não se discute, mas toda tua bravura só serve para te fazer mal. Por que não te corriges?

Khabiboula respondeu-lhe:

— Se até hoje não me corrigi, acho agora tarde demais para fazer tal coisa.

— Tarde por quê? Basta boa vontade e desejo de se corrigir. O resto vem depois com facilidade. Não tens uma alma semelhante a qualquer outra? Deixa de fazer o mal e Deus virá em tua ajuda e verás que tudo acontecerá bem.

Khabiboula suspirou:

— Não, meu amigo, é tarde. Este não é o momento propício para sonhar.

— Mas por quê?

— Porque estou aqui acorrentado à espera da morte.

— Pois vou libertar-te.

Khabiboula não acreditava no que ouvia. Panka, no entanto, lhe disse, num sorriso amigo e franco:

— Não estou brincando, falo seriamente. Khan me disse que te guardasse como à minha alma. Ora, sabes como se deve guardar a alma? Pois bem, irmão, é necessário ter piedade, é necessário que nossa alma sofra pelo próximo... E disto é que eu tenho necessidade neste instante, porque; sabes?, não gosto de ver os outros sofrerem. Eu te vou soltar, colocar-te no cavalo: segue para onde bem entenderes. Se recommençares a fazer o mal, a culpa não é minha, foi Deus que assim quis.

Dito isto, Panka arrancou as correntes e as traves de Khabiboula. Depois, ajudou-o a montar e lhe disse:

— Vai em paz!

E pôs-se a esperar, cheio de paciência, a volta de Djangar-Khan. A espera foi longa, tão longa que a fonte estancou e só ficaram no odre algumas poucas gotas de água.

Eis que voltaram Djangar-Khan e seu bando. Khan relanceou a vista em torno. Depois perguntou:

— Mas onde está Khabiboula?

Panka respondeu:

— Deixei-o ir.

— Ir? Ir para onde? Que dizes tu?

— A verdade. Segui tuas instruções e fiz minha vontade. Havias-me ordenado que o guardasse “como se ele fosse minha alma”; ora, eu creio que a melhor maneira de guardar minha alma é sacrificá-la a outro. Tu querias, não é isto?, torturar Khabiboula, e eu não posso ver o próximo sofrer. Tortura-me, portanto, conforme melhor entenderes, e minha alma saltará de alegria, pois, como vês, não tenho medo nem de ti nem de qualquer outra pessoa neste mundo.

Então Djangar-Khan abriu mais os olhos, ajustou o quepe, chamou todo o bando:

— Aproximem-se, que eu lhes direi o que penso.

Os tártaros formaram um círculo em torno de Djangar-Khan, e o chefe lhes disse em voz baixa:

— Segundo acredito, não poderei castigar Panka, porque, vê-se logo, sua alma deve estar à espera de um anjo.

— Não — responderam ao mesmo tempo todos os tártaros — não debes fazer-lhe mal; durante muitos anos estivemos perto dele e não o conhecemos direito, mas um instante só foi suficiente para vermos tudo claro: nós o tomamos por um tolo, mas ele bem poderia ser um justo.